

POESIA ANGOLANA

TÍTULO: Poesia Angolana

AUTOR: Tomaz Vieira da Cruz

Capa: A. Neves e Sousa

1.^a Edição: Casa dos Estudantes do Império.

Colecção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961

Composição e impressão: Editorial Minerva. Lisboa

2.^a Edição: União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA)

A presente edição reproduz integralmente o texto da 1.^a edição.

Artes Finais da Capa: Judite Cília

Composição e Paginação: Fotocompográfica. Almada.

Impressão: Printer Portuguesa. Mem Martins.

Esta edição destina-se a ser distribuída gratuitamente pelo Jornal SOL, não podendo ser vendida separadamente.

Tiragem: 45 000

Lisboa 2015

Depósito Legal: 378 494/14

Apoios Institucionais:



COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

poesia angolana
de
tomaz vieira da cruz

(Seleccção e prefácio de Mário António)

EDIÇÃO DA CASA DOS ESTUDANTES DO IMPÉRIO
LISBOA

COLECÇÃO AUTORES ULTRAMARINOS

SÉRIE LITERATURA

- N.º 1 — *Amor* (Poemas, 1960) de M. António
N.º 2 — *A Cidade e a Infância* (Contos, 1960) de Luandino Vieira
N.º 3 — *Fuga* (Poemas, 1960) de Arnaldo Santos
N.º 4 — *Poemas* de Viriato da Cruz (1961)
N.º 5 — *Poemas de Circunstância* de António Cardoso
N.º 6 — *Terra de Acácias Rubras* de Costa Andrade
N.º 7 — *Kissange*, de Manuel Lima
N.º 8 — *Poemas* de Agostinho Neto (1961)
N.º 9 — *Poemas* de António Jacinto (1961)
N.º 10 — *Poesia* de Alexandre Dáskalos (1961)
N.º 11 — *Poesia Angolana*, de Tomaz Vieira da Cruz
N.º 12 — *Diálogo*, de Henrique Abranches
N.º 13 — *Caminhada*, de Ovídio Martins

SÉRIE ETNOGRAFIA

- N.º 1 — *Cancioneiro Popular Angolano*, (subsídio) de Gonzaga Lambo

*Em relação a Tomaz Vieira da Cruz está-se cumprindo o ritual póstumo consagratório dos poetas oficiais: Puseram a bandeira a meia-haste / E decretaram luto na cidade / Responsos, coroas, círios quanto baste / Para iludir a eternidade. // Teve o nome nas ruas, em moimentos: / «Nasceu — morreu — tantos de tal — Poeta» / Houve discursos graves, longos, lentos... / — Venham todos os ventos / Do planeta! *Fado ou sina de quem, tendo sido realmente Poeta, foi investido pela sociedade de que fez parte nessa função social. Todos sabemos como Vieira da Cruz a cumpriu. E como soube, às vezes, cumpri-la sem que o Poeta que foi, deixasse de se revelar inteiro. E de tal modo que o Poeta oficial ficou sem dúvida apagado diante do Poeta-poeta, do Poeta-homem. E se ainda é possível, para concluir a transcrição que iniciei do poema de António Manuel Couto Viana, com este dizer: Rasguem bandeiras, sequem flores; no céu / Se percam orações, paters e glórias / — Tudo isso é dor / que não lhe pertenceu —: / Destruam as estátuas e as memórias; / Que os discursos inúteis vão dispersos desnecessária será a conclusão: A homenagem a um Poeta que morreu / É decorar-lhe os versos! em relação a Vieira da Cruz, poeta cujos versos andam na memória da gente de Angola e, mais do que isso, de certo**

modo moldando-lhe a sensibilidade ou sintonizando-lha em referência a certos aspectos deste mundo africano. E isso é tão claro que acontece não ter sido na poesia mas em outros sectores — por exemplo, as artes plásticas — que os valores mitificados da tropical cosmovisão de Vieira da Cruz se continuaram.

E, agora, apetece perguntar: Qual a razão da conquista fácil de um público por este Poeta? Que elementos de lisonja em relação a esse público ele trazia na sua poesia? Neste ribatejano que seria poeta ainda que não fizesse versos — tanto nele poesia era mais vivência quotidiana que artesanato ocasional — havia presentes aquelas qualidades de amabilidade e plasticidade que permitiram, na opinião de Gilberto Freyre, o fenómeno da integração portuguesa nos trópicos. O boticário do Ngunza é um espírito em que se plasmam, transfigurados pela sua própria idiosincrasia, os motivos mitológicos ou mitificados da terra cuanza-sulina, como, mais tarde, em Luanda, o típico da cidade se plasticiza em versos como: Anoitece de repente / no Muceque Burity erguendo o véu sobre uma história que, de outro modo, ficaria oculta; ou Um dongo flutua na baía / Vai nascendo a madrugada! descendo-o sobre um romance apenas insinuado.

Começo aqui cumprindo um dever que me impus. Falar de Vieira da Cruz como um dos leitores em quem os seus versos permaneceram. Falar do Poeta sem reler com olhos críticos os seus livros de poemas. Esquecendo até as restrições críticas que em Angola a minha geração foi a primeira a fazer-lhe. Porque, imbondeiro na planície árida da literatura angolana — a comparação é sugerida pelo próprio Poeta — o seu vulto preenche as décadas dos anos

de 30 a 40, em Angola, alcançando projectar no futuro, em valores míticos, as mais brilhantes descobertas da sua sensibilidade.

Quem não conhece ou não terá repetido ou não terá sentido, uma vez, modelar-lhe, como um arquétipo, a afetividade ou o pensamento, versos como estes que ficaram constituindo símbolos?

Amor mulato... pitanga!

ou:

Os teus defeitos são graças
Que mais me prendem, querida
Mistérios de duas raças
Que se encontraram na vida.

E quem não sabe quase de cor os versos de Ngola — Flor de Bronze?:

Filha de um branco que morreu na guerra
E de uma preta linda do Libolo
O teu olhar até de noite encerra
Todo o luar das lendas de Catolo.

Aqui encontramos alguns dos elementos que lisonjearam o público que mais tarde o viria a constituir o seu Poeta. Fornecendo um conteúdo mítico a uma experiência de lusotropicalização que circunstâncias várias tinham levado a uma voluntária elisão na consciência dos seus portadores — o Poeta provoca uma espécie de reconciliação entre uma e outros, uma reabilitação e até exaltação de

valores que tendiam a ser elididos. O colono de Angola viu-se, consoladoramente, numa dimensão ampliada:

E a primeira mulher que amou
e quis
Foi sua inteiramente.
E era negra — tal o seu destino

...
E na terra de todo o mundo
E de ninguém
— Estranha criatura! —
Sua foi também
A primeira sepultura!

É nessa reelaboração artística da experiência luso-tropical que reside o motivo da posição excepcional assumida pelo Poeta na sociedade em que viveu. Todos sabemos, de resto, da autenticidade da sua mensagem: sobrevivente de uma tipologia que viria a rarear, uma unidade indesmentível existe entre o que escreveu e o estilo de vida que foi o seu. O poeta Vieira da Cruz — em versos que permaneceram — foi, durante o tempo que o destino lhe marcou, o homem Vieira da Cruz, um homem em cuja sensibilidade o mundo africano deixou marcas. Um homem em cuja obra se plasmaram as formas de um viver em relativa harmonia com o mundo circundante — pesem, embora, as limitações, inevitáveis para o tempo e a cultura que sabemos terem sido os seus, que será fácil apontar-lhe.

Talvez o Poeta se tenha dado em toda a medida do possível. Não se encontram, num plano de harmonia e através de

sinais e ligações porventura inexplicáveis, os dois sentires, os dois mundos em presença, ainda que num âmbito restrito, em versos como estes?:

Buzi! Ó flor do Songo!
Para males de muxima
Quimbanda não tem milongo!

Com isto, vou-me achando justificado de ter falado apenas favoravelmente do Poeta. Poderia repetir-me dizendo e provando que o literariamente melhor da sua poesia acusa a influência do seu irmão maior António Botto. Poderia desenvolver um pouco mais este ponto de vista que já uma vez enunciei... Mas Tomaz Vieira da Cruz é Tomaz Vieira da Cruz. Um poeta que o foi por sina. Que, por o ter sido, ultrapassa os poetas parcelares que em si houve. Por cuja simbologia, mais ou menos, voluntária ou involuntariamente, muita gente aprendeu a ler — como, não importa — no livro aberto e dificilmente decifrável de África. Não se pode exigir mais de um Poeta.

M. António



NOTA

A *Poesia Angolana* de Tomaz Vieira da Cruz realizou-se através de três livros:

Quissange — Saudade negra, Lisboa, 1932;
Tatuagem, Lisboa, 1941; e
Cazumbi, Lisboa, 1950.

A eles houve de se recorrer para a presente selecção. A particular unidade do Poeta — e de cada um dos livros e do conjunto da sua Obra — faz-nos supor realmente representativa a selecção que realizámos.

M. A.



ANTOLOGIA



QUISSANGE — SAUDADE NEGRA

(1932)



m u l a t a

Os teus defeitos são graças
que mais me prendem, querida...
Mistério de duas raças
que se encontraram na vida.

E, no mato, em nostalgia,
num exílio carinhoso,
fizeram essa alegria
do teu olhar misterioso.

E deram forma de sonho,
em seu viver magoado,
a esse estilo risonho
do teu corpo bronzeado...

Que é bem a grácil maneira
em que a volúpia se anima,
— bailado duma fogueira
queimando quem se aproxima!

.....

A tua boca dolente,
cicatriz de algum desgosto
é um vermelho poente
no lindo sol do teu rosto.

E os beijos que pronuncias
são palavras dolorosas...
Teus beijos são tiranias,
são como espinhos de rosas...

Que me embriagam, amantes,
no éter do seu perfume...
Teus beijos são navegantes
sobre as ondas do ciúme.

.....

Os teus defeitos são graças
desse mistério profundo...
Saudades de duas raças
que se abraçaram no mundo!

tropical

És uma nova Salomé, bailando,
e o bronze do teu corpo, num anseio,
tem reflexos doirados, provocando
a sedução mais fria do receio.

Baila, ó flor do céu, baila, cantando,
toda a loucura que de ti me veio,
que só por ti eu vivo e estou passando,
sofrendo e amando este cruel enleio.

Baila, meu lindo sol afogueado,
baila, sonho de amor e de pecado,
bailando em africana tentação...

E que o teu corpo, em febre, ardendo em brasa,
dançando, seja leve como a asa
das penas em que trago o coração!

noite de batuque

ALUCINADAMENTE, alucinadamente,
em delírio de febre, num martírio
de tudo quanto é lume e arde intensamente
ao fogo do prazer e do delírio...

Vertiginosamente, como o vento sul,
andam a bailar as mil estatuetas,
que a moldura enorme desta noite azul
exalta nas mais lindas tintas pretas.

Gritam «batuque», os «quissanges» choram
e as palmeiras, nervosas e gementes,
estremecem felizes, quase adoram
o baile escultural dos corpos quentes.

Há virgens a sangrar, vermelho lume
a que só a lascívia dá clarão...
E não existe ali nenhum ciúme
que possa amargurar o coração...

Bailai, bailai, abrazadoramente...
E, em f'rida, cada boca viciosa

faça da carne negra o céu poente,
da sua grande noite dolorosa...

Cantai, cantai, que cada dó-bemol
mais entonteça a vossa escravidão...
Bailai, bailai, até que a luz do sol
prateie de luz a vossa escuridão...

.....
.....
.....

O batuque a gritar, p'la noite fora,
vai acordar ao céu lindas estrelas...
E o mundo ignora, todo o mundo ignora
tanto motivo para novas telas.

.....

Gemem «n'gomas», amorosamente...
«Chingufos» e marimbas, num delírio,
também sofrendo, voluptuosamente,
cantam as terras virgens do exílio.

Cantai, ó raça triste, ó raça brava,
bailai o vosso baile de fogueiras,
que eu também canto, em minha lira escrava,
os murmúrios saudosos das palmeiras!

Que eu também canto e choro essa vertigem
da vossa linda terra, com paixão,
onde os mistérios da floresta virgem
são meu jardim de amor e de ilusão.

Bailai, bailai, ó fogo em que se abraça
toda a loucura, toda a desventura...
Bailai, cantai, até que um fim de raça
transforme em dia a vossa noite escura...

E o sol venha raiar, apunhalar,
— num corpo a corpo, como em novo «Marne»,
dormente de luxúria, a desmaiar,
a grande agitação da vossa carne.

.....
.....

O batuque a gritar, p'la noite fora,
vai acordar ao céu lindas estrelas...
E o mundo ignora, todo o mundo ignora
tanto motivo para novas telas...

quissange — saudade negra

Não sei, por estas noites tropicais,
o que me encanta...
Se é o luar que canta
ou a floresta aos ais.

Não sei, não sei, aqui neste sertão
de música dolorosa
qual é a voz que chora
e chega ao coração...

Qual é o som que aflora
dos lábios da noite misteriosa!

Sei apenas, e isso é que me importa,
que a tua voz, dolente e quase morta,
já mal a escuto, por andar ausente,
já mal escuto a tua voz dolente...

Dolente, a tua voz «luêna»,
lá do distante Moxico,
que disponho e crucifico
nesta amargura morena...

Que é o destino selvagem
duma canção em que tange,
por entre a floresta virgem
o meu saudoso «Quissange».

Quissange, fatalidade
deste meu triste destino...
Quissange, negra saudade
do teu olhar diamantino.

Quissange, lira gentia,
cantando o sol e o luar,
e chorando a nostalgia
do sertão, por sobre o mar.

Indo mar's fora, mar's bravos,
em noite primaveril
acompanhando os escravos
que morreram no Brasil.

.....
.....

Não sei, não sei,
neste verão infinito,
a razão de tanto grito...

— Se és tu, ó morte, morrei!

Mas deixa a vida que tange,
exaltando as amarguras,
e as mais tristes desventuras
do meu amado Quissange!

m u a m b a

A minha Lira mulata
tem acordes tão amantes,
que eu julgo serem de prata
as suas cordas vibrantes.

Porque fiz d'Ela mulher,
tem lábios cor de «pitanga»,
da «pitanga» de comer,
com adornos de missanga.

E os seus braços tão nervosos
são dois ramos de palmeira,
que me abraçam, duvidosos,
e me prendem de maneira,

que eu não sei qual é melhor,
se os seus beijos de «muamba»,
se o «jindungo» deste amor...
— Amor mulato... pitanga!

rebita

Mulata da minha alma,
bataque dos meus sentidos,
meus nervos encandecidos
vibram por ti, sem ter calma.

Por isso vou à rebita,
quase triste e indeciso,
a queimar minha desdita
nas chamas do teu sorriso.

E, triste, assim, vou dançar,
vou dançar e vou beber
o vinho do teu olhar,
que me faz entontecer.

Ouvindo, longe, tocar
o quissange do gentio,
que vive, além no palmar,
onde corre o verde rio!

E depois adormecer
na tua esteira de prata,

onde quero, enfim, morrer,
ó minha linda mulata.

.....

Mulata da minha alma,
batuque dos meus sentidos...

Por isso vou à rebita,
quase triste e indeciso,
a queimar minha desdita
nas chamas do teu sorriso.

n h u c a

E tu morreste a contemplar o mar,
o mar dos «casumbis», como dizias,
o mar das ventanias
e dos naufrágios nos céus do teu olhar...
Morreste a contemplar
a hora do poente
mais doente
que houve neste mundo.

Morreste a contemplar o mar profundo!

Que mistérios que choraste,
quando o infinito olhaste
na hora derradeira e tão mortal,
a tua hora, o fim dum longo mal...

Tão longe da «libata» e do «Quimbanda»,
descrente do amor-civilização,
e longe, assim tão longe da «Katanda»,
essa terra do «utima» — o coração!

Ai! «Nhuca, pobre Nhuca — vóva imbila!»
À hora da tua morte
andaram feiticeiros: «Kuli ó mango inha»,
A dizer, a dizer — ingrata sorte!
que a tua alma bem longe, já cintila,
— alma de escrava em corpo de rainha!

«Iveleli, Iveleli, vóva imbila...»

Ai! Nhuca, pobre Nhuca desterrada,
por quem a morte viveu, enamorada,
na certeza de ganhar-te, assim perdida,
assim perdidamente adormecida
num lindo leito, feito de «tacula»,
que eu encomendei — ó flor de «fula»,
quando tu, cerrando o triste olhar,
morreste doida, a contemplar o mar!

idílio mate

Não sei que mais possa dizer-te,
não sei que mais possa querer-te
e mais te possa contar...

Ó virgem das noites de luar,
não sei que mais
os meus braços sensuais
te possam abraçar
e apertar
de encontro ao coração!

Porque não é, afinal, uma ilusão
toda esta adoração de te adorar.

Vivo numa distância de incerteza
e perdido da terra onde nasci...

E neste exílio de dor e de tristeza
eu moro ao pé de ti.

... E que mais quero eu,
Ó flor de mate,
num jardim de céu...

Chora, lá em baixo, o rio «Luáte»,
e tu cantas com ele adorações
de todas as canções,
escarlate.

.....
.....

Cai sobre a roça o Sol, em improviso,
e os montes, envolvidos de «cacimbo»,
são ilhas verdes do meu paraíso,
flutuando em redor do nosso arimbo.

Por nosso amor quis Deus que assim te herde
na moldura das horas derradeiras...
Que linda esta paisagem toda verde,
e o sol a colorir as «mafumeiras».

É um milagre tudo em derredor,
ó linda rosa deste novo adro...
É um milagre todo o nosso amor,
imerso na grandeza deste quadro!

Repara como o sol agora arde
e esta distância o torna menos quente...
O seu rasto de sangue envolve a tarde
da grande hemoptise do poente.

Quase anoitece, e, no teu peito amado,
eu adormeço, eu entonteço, exangue...
E, no horizonte, o sol, crucificado,
gritando luz, tem vômitos de sangue!

bailundos

Por esses longos caminhos
os desertos povoando
passam negras comitivas
de bailundos...

Descalços como Jesus,
E os seus corpos mal cobertos
são negras sombras na sombra
que se eleva escuramente,
sem um carinho de luz.

A noite é um borrão de tinta preta!

Mas a triste comitiva
pisando bem o caminho,
— estreito por ser tão longo
como a vida de quem sofre,
como a vida dessas gentes,
vai seguindo o seu destino
cantarolando nocturnos
de baladas inocentes.

E quando o Sol acordar
em seu berço oriental,
as comitivas andando
por carpetes de capim,
que eu não sei onde vão dar,
que eu não sei se têm fim,
vencendo altivamente, a luta forte
desta vida de ilusão,
procuram, inutilmente,
mais longe, sempre mais longe,
a Terra da Promissão.

...Ó mensageiros tristes da saudade
que trago dentro de mim:
Esse caminho é eterno
E a minha dor não tem fim!

Haveis de caminhar, sempre caminhar,
que nunca terá fim o vosso inferno!

— Não existe humanidade,
e o mundo foi sempre assim!



TATUAGEM

(1941)



v u n g e

Anoitece de repente
no muceque Burity.

E aquela fula gentia,
trazida de longes terras,
é a noite do calvário
constantemente a chorar.

No mar um barco partia,
e seguia, rumo ao norte,
levando o seu namorado
para a vida militar.

E Vunge, a fula gentia,
chorava perdidamente!

Ao longe já mal se via,
uma luz verde, tão verde!,
que no mar alto seguia!

Um grande amor só é grande
quando algum dia se perde.

E Vunge, a fula gentia,
a do sorriso de prata,
a chorar quase se mata
e a chorar quase sorri...

Anoitece de repente
no muceque Burity.

S U R U C U C U

Fui mordido sem remédio,
quem me mordeu foste tu...
e agora morro de tédio,
veneno surucucu.

Foi numa triste cubata,
mais longe do que a distância,
mais longe do que a saudade
que é tempo morto que mata.

Nunca mais posso esquecer
a tua boca sem fala,
quando um leão, que era rei,
assustava e complicava
os murmúrios da sanzala.

Uma palmeira,
à luz da Lua,
parecia que rezava
naquele mundo profano!...

Fui mordido... — Foste tu! —
nunca mais posso esquecer-te.
— veneno surucucu.

romance de luanda

Coqueiros esguios — leques ao vento
abanando a Ilha.

Um dongo flutua
na baía.

E ela, a negra maravilha
condecorada com reflexos de prata
com que o céu a está beijando,
com que o céu a está vestindo,
— adormeceu sonhando
plácidamente sorrindo.

Nas águas verdes da baía calma,
caem pétalas vermelhas
de uma linda flor de onix!

E o timoneiro, um preto atleta,
jovem pescador
e um brutal Cupido,
— é o Deus do Amor
em bronze reproduzido!

Nas águas verdes da baía calma,
caem pétalas de sangue,
duma flor já desfolhada...

Um dongo flutua
na baía.

Vai rompendo a madrugada!

b u z i

Tu eras bela e virgem
e eras tão pura
como se fosses a mais linda estrela
do céu quando a noite é mais escura.

Tu eras a namorada
daquele que por ti chora,
longe, muito longe,
e ainda te namora
quando, à noite, olhando o céu
te procura e reconhece.

— E fica sempre a olhar-te
até que a noite amanhece.

É por ele que tu vives,
é por ele que tu morres,
é por ele que tu sofres
— Buzi...

Pobre Buzi, levaram-te no branco...
Foi um presente macabro,
foi um presente sem futuro...

E agora, nessa Avenida,
espreitando a mentira da cidade,
está chorando seu amor ausente
a triste e pobre Buzi desterrada,
e tão doente,
sempre a pedir que lhe dêem cura
ou a morte;
— porque a morte é a distância
que um grande amor aproxima.

Buzi, ó flor do Songo,
para males da muxima
kimbanda não tem milongo!

kiôca

Chamam-te negra e tu
ficas triste e pensativa
cismando...

E o teu olhar que cativa
esta minha escravidão
tem lágrimas de luz
chorando!

Chamam-te negra,
mas fica certa e atende
esta grande afirmação:
a tua cor não distingue
nem ausenta, —
motivos que possam ter
certas cores de perdição...

Negros foram teus pais,
que em longes tempos passados
o mar, chorando, dispersou no mundo.

E nunca mais foram voltados
nunca mais!
à sua terra de encantos...

Pobres escravos proscritos
que morreram quase santos!

Chamam-te negra para te ofender
e até fazer chorar...

Também o céu é mais negro
quando, em noites de tormenta,
molha o cálice das rosas,
e as raízes alimenta.

Ó escultura de ferro,
ferro em brasa, que me quis
porque me queima...

És negra, andas de luto
por tua raça infeliz!

ngola — flor de bronze

Filha de branco que morreu na guerra
e duma preta linda do Libôlo,
o teu olhar até de noite encerra
todo o luar das lendas de Catôlo!

Ó flor estranha! já não tem consolo
a tua mágoa, a tua dor na terra!
Ó flor estranha do febril Capôlo
neta dum soba que perdeu a guerra!

Estátua ardente em bronzeadas chamas
que tentação e perdição derramas
por sobre a história negra, quase finda!

Neta dum soba que acabou chorando,
filha de branco que morreu lutando
e duma preta tristemente linda!

CAZUMBI

(1950)



colono

A terra que lhe cobriu o rosto
e lhe beijou o último sorriso,
foi ele o primeiro homem que a pisou!

Ele venceu a terra que o venceu.
Ele construiu a casa onde viveu...
Ele desbravou a terra heroicamente,
Sem um temor, sem uma hesitação,
— terra fecunda que lhe deu o pão
e lhe floriu a mesa de tacula...
Mas quando olhava a imagem pequenina
— Senhora da Boa Viagem —,
que a mãe lhe pôs ao peito à hora da partida,
O Homem forte chorava...

Foi arquitecto e foi também pintor,
porque pintou de verde a sua esperança...

Esculpiu na própria alma um sonho enorme,
por isso foi também grande escultor!

Foi genial artista e mal sabia ler!
O que aprendeu foi Deus que o ensinou,
lá na floresta virgem, imensa catedral,
onde tanta vez ajoelhou!

Viveu a vida inteira olhando o céu,
a contar as noites
da lua nova à lua cheia.
E o sol do meio dia lhe queimou a pele,
o corpo todo e até a alma pura.

Foi médico na doença que o matou,
ao homem ignorado e primitivo
que derrubou bravios matagais
e junto deles caiu
como caem árvores sacrificadas
à abundância dos frutos que criaram...

E a primeira mulher que amou e quis
foi sua inteiramente...
E era negra e bela, tal o seu destino!
E ela o acompanhou
como a mais funda raiz
acompanha a flor de altura
que perfuma as mãos cruéis
de quem a arrancou.

.....
Foi o primeiro em tudo,
na dor e no Amor,
na honra e na Saudade,
porque nunca mais voltou...

E nas terras de toda a gente
e de ninguém...
— estranha criatura! —

...foi sua também
a primeira sepultura!

d o n g o

Andou no mar — morreu no mar...

Foi árvore, deu sumaúma
a um leito de rainha
que na Europa reinou...
Foi sombra de caminhante
que junto de si descansou...

Depois deixou na terra
as suas próprias raízes,
— e foi ao mar buscar pão
para muitos infelizes.

O Dongo foi mafumeira
lá dos longes da paisagem
da terra triste, queimada
pelo sol de cada dia
e muita lágrima chorada
pelo povo, toda a vida,
na terra triste, queimada,
na terra amargurada.

O Dongo foi mafumeira
deu sombra ao homem
e lume, na sua Dor...

E sepultura no mar ao pescador!

fruta

Quitanda da fruta verde,
dá-me um gomo de laranja
para matar esta sede.

Ou, então, será melhor
dar-me um veneno qualquer
porque eu ando perturbado
e o meu sonho anda queimado
por uns olhos de mulher!

.....

— Minha senhora, laranja,
limão fresquinho, cajú,
ananás ou abacate!...

.....

E a quitandeira passou,
saudável, viva, graciosa,
com uma flor desfolhada
no seu sorriso escarlate.

E no ar um som de música ficou
e um perfume de fruta
que não matou minha sede...

Ó agri-doce quitanda
da fruta verde!...

l u a r n a i n g o m b o t a

Lágrimas de tinta
chora a minha pena
e a minha dor de contar...

Havia luar, luar,
e o luar nos denunciou
quando beijei a cruz do teu corpo
e a tua boca exangue,
lá ao pé da trepadeira, aquela mais florida,
que ao luar era uma fogueira de sangue...

Não sei se foi amor o que senti
naquela noite, a primeira,
mas eu gostava de ti,
gostava porque sofri,
e passei a encontrar-te
lá ao pé da trepadeira...

Até que um dia
passou uma conversa na Ingombota
que falava de nós dois;
e tu, ó fula trigueira,

oásis do areal,
nunca mais...
Nunca mais ao pé da trepadeira
beijei a cruz do teu corpo,
quando os teus braços se abriam
como uma cruz no Altar.

.....

Uma conversa passou
que falava de mim, de ti, do nosso amor
e de mentiras irreais...

Uma conversa passou na Ingombota

— e nunca mais!

feiticeiro

Tu me enganaste e mentiste,
Tu me disseste, naquele dia,
que ela me gostava,
que ela me gostava e me traía

.....

Aquele dia era noite,
Aquele noite era luar...

.....

Tu me disseste, feiticeiro,
que ela me gostava,
que ela me gostava e me traía

.....

E a lua, lá em cima,
cúpula da noite,
catedral de estrelas.

A lua era a minha religião,
a minha Arte, o meu Sonho,
— e a minha fantasia...

.....

Tu me enganaste, feiticeiro,
mas se tu não me enganasses
Eu morria!

f a d o k i s s e n d e

Caminhando atrás de ti
enganei-me nos caminhos,
enquanto fui pisei rosas,
mas regressei sobre espinhos...

Kissende dói
é quase prazer a Dor
que dói do muito kissende,
que me deste, meu amor!

Kissende dói,
como um espinho de rosa
desfolhada em tua boca,
quando ris, formosa e louca...

.....

Por tu seres fula, tão fula,
te chamam desesperada,
e tempestade no Sol
— e noite sem madrugada.

Kissende mata
e destrói minha ilusão,
que por ti chora sem fé
no altar desta paixão...
Kissende mata
tal a febre por ser lenta
prolonga um sofrimento
e a vida inteira atormenta.

.....

Mas tu és a culpada
da minha culpa e ciúme...
A culpa foi do luar
e dos teus olhos de lume.

Kissende dói
e é quase prazer a Dor
que dói do muito kissende,
que me deste, meu amor!

Kissende mata,
tal a febre por ser lenta
prolonga um sofrimento
e a vida inteira atormenta.



ÍNDICE

PREFÁCIO	5
----------------	---

ANTOLOGIA

QUISSANGE — SAUDADE NEGRA (1932)

Mulata	17
Tropical	19
Noite de batuque	20
Quissange — Saudade negra	23
Muamba	25
Rebita	26
Nhuca	28
Idílio mate	30
Bailundos	32

TATUAGEM (1941)

Vunge	37
Surucucu	39
Romance de Luanda	40
Buzi	42
Kiôca	44
Ngola — Flor de bronze	46

CAZUMBI (1950)

Colono	49
Dongo	52
Fruta	54
Luar na Ingombota	56
Feiticeiro	58
Fado Kissende	60